

CONCEPÇÕES MENTAIS E PRÁTICAS FUNERÁRIAS DOS SÉCULOS V A VIII: ENTRE A PERPETUAÇÃO DE ARQUÉTIPOS E A ABERTURA A NOVOS INFLUXOS

ANDREIA AREZES*

Resumo: Nos domínios dos chamados «Mundos de Transição», as necrópoles peninsulares enquadráveis no período que se estende entre o século V e o VIII assumem-se como um campo de análise fecundo. Por um lado, ilustram a persistência de práticas bem enraizadas, que configuram reflexo de pressupostos mentais declaradamente «pagãos». Por outro, são palco da introdução e cristalização de concepções e símbolos inerentes à mundividência cristã; em paralelo, também da penetração de objectos característicos da indumentária e atavio do corpo próprios dos grupos «bárbaros», que se vão imiscuindo no substrato romanizado. É, pois, através do inquérito às materialidades e aos espaços funerários onde as mesmas se inserem que procuramos perscrutar o diálogo entre diversos elementos: os de continuidade e os que denunciam a incorporação de «novidades», ainda que adaptadas às especificidades dos contextos.

Palavras-chave: Península Ibérica; *Lusitania*; Necrópoles; Práticas funerárias.

Abstract: In the study of the so-called «Transitional Worlds», peninsular burial sites dated from the fifth to the eighth century are assumed as a proficuous object of analysis. On one hand, they reveal the persistence of deep-rooted and ancient practices that reflect mental representations openly «pagans». On the other hand, they also unfold concepts and symbols related to the Christian worldview. In parallel to this, some of the burials also present characteristic objects of «barbarian» groups: elements of clothing and adornment of the body, which were integrated into the Romanized substrate. Regarding the complexity of these necropolises, I aim to discuss the dialogue between the different elements shaping their diversity: those of continuity and those that uncover the incorporation of “novelties”.

Keywords: Iberian Peninsula; *Lusitania*; Burial sites; Funerary practices.

* FLUP / DCTP / CITCEM. andreia.arezes@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo debruça-se sobre espaços funerários, concretamente, sobre modalidades de organização, construção, e sobre as materialidades remanescentes. É nossa intenção questionar os vestígios, vestígios que, na sua pluralidade, traduzem uma ampla variedade de crenças, costumes, tradições. Tradições que são passíveis de condicionar a própria experiência da morte e as suas formalizações.

Segundo Edward James cada sepultura corresponde a uma composição meticulosamente pensada, onde nenhum pormenor é arbitrário: a disposição do inumado, a presença (ou ausência) de materiais sobre o corpo ou na sua envolvente... Gestos que resultam de escolhas conscientes, dotadas de um sentido¹. Todavia, nem todos os elementos que participam da “encenação” do enterramento subsistem. Se a passagem do tempo ou os fenómenos pós-deposicionais levaram a que alguns se perdessem irremediavelmente, outros são simplesmente invisíveis ou indecifráveis aos olhos do arqueólogo e, neste sentido, intraduzíveis no registo. Neste sentido, iniciamos este percurso conscientes das limitações que lhe são inerentes.

Os séculos a que se circunscreve a análise são fecundos: espelham persistências, novidades, coexistências e, não raro, também cenários de aparente contradição. No quadro da geografia peninsular, assumem-se como um tempo de confluências, onde se desenrola uma espécie de “jogo” aparentemente dicotómico. Conceitos como «hispano-romano»/ «bárbaro», para o âmbito da etnicidade; «cristão»/ «pagão» ou «*fides romana*»/ «*fides gotica*», para o religioso, são recorrentemente apontados como antagónicos e correlacionáveis com realidades claramente demarcadas. Todavia, o mundo funerário demonstra que nem sempre a oposição é tão clara e definida como à primeira vista se poderia supor.

São várias as variáveis a entrecruzar-se e a influir na preparação de cada área funerária. O tempo configura uma delas. Mas há outras a ter em consideração: as características do espaço de implantação, em meio rural ou urbano; a área útil disponível para os enterramentos; a eventual proximidade de um *martyrium* ou basílica; as próprias dinâmicas do grupo e os esquemas desenvolvidos no quadro da adaptação às especificidades do lugar².

O que resulta da interação e tessitura entre todas estas vertentes? Diferentes tradições de inumação plasmadas no terreno, pautadas por uma evidente variabilidade formal³, que é consequência do entrosamento de distintos modos de pensar, sentir e fazer. Deparamos, pois, com espaços que, apesar de sensivelmente coevos,

¹ JAMES, 1989: 23.

² AREZES, 2015: 201-212.

³ GOMES *et al.*, 2013: 710-711.

espelham realidades heterogêneas e irreconciliáveis com a possibilidade de vigência de uma norma única e inflexível. Talvez por isso coexistam, lado a lado, soluções arquitectónicas díspares, que não só obrigam a repensar os tradicionais esquemas de evolução crono-tipológica das sepulturas, como apelam a que se equacionem explicações a outro nível, decorrentes, nomeadamente, do posicionamento social, económico ou religioso de cada indivíduo inumado⁴.

BREVE PERCURSO POR ALGUMAS DAS NECRÓPOLES DA LUSITANIA⁵

No território da antiga *Lusitania*, não são propriamente numerosos os locais de enterramento que comportam dimensão apreciável ou número significativo de sepulcros. Salvo excepções (como as corporizadas nas necrópoles de Mértola, entre as quais destacamos a do Rossio do Carmo⁶, até pela diacronia longa de ocupação, que persiste em período islâmico), a ordem de grandeza oscila. Mas, independentemente de nos focarmos em necrópoles (mais ou menos amplas), em pequenos núcleos (de dois, três ou cinco sepulcros), ou mesmo em sepulturas isoladas, é a sul do Tejo que avulta a maior densidade de sítios inventariados. Aliás, há uma mancha particularmente expressiva que interessa referir: a que se inscreve dentro dos limites definidos para o concelho de Castelo de Vide⁷.

Mas avancemos até à necrópole da **Terrugem** (Elvas), que integrava cerca de 30 sepulturas, parte substancial das quais de contorno trapezoidal. Obedecendo a orientações diversas, foram construídas em distintos suportes: tijolo, lajes de xisto ou mármore e *tegulae* romanas⁸. Uma pluralidade de soluções, favorecida pela proximidade de uma *villa* alto-imperial, onde se acumulavam materiais disponíveis e prontos a utilizar na preparação dos dispositivos tumulares. Por seu turno, outros materiais, de uso pessoal (entre os quais contas de colar e brincos anelares), incorporavam, pontualmente, os acervos que acompanhavam de alguns dos defuntos. Curiosamente, aquele que mais se destaca procede de um pequeno sepulcro de

⁴ AREZES, 2015: 217-227.

⁵ Atendendo ao considerável número de sítios documentados na faixa portuguesa deste amplo território peninsular (AREZES 2015), e na impossibilidade de os abordarmos a todos no presente artigo, optámos por assentar a nossa análise em alguns casos específicos.

⁶ Mértola comporta outros espaços de enterramento (caso da necrópole do Mosteiro ou da do Cine Teatro Marques Duque), cuja cronologia e problemática poderiam igualmente ser aqui trazidas à colação. Para uma perspectiva recente sobre estas e outras estações do território Mertilense, cf. LOPES 2014.

⁷ AREZES, 2015: 405-412; 490-491.

⁸ DEUS *et al.*, 1955: 571-572.

tijolo, provavelmente de criança: nele repousava uma colher litúrgica provida da inscrição *AELIAS. VIVAS IN*, seguida de um *crismon*⁹.

De acordo com André Carneiro os túmulos desta necrópole, ainda que destituídos de uma orientação fixa, parecem polarizados em torno de uma estrutura de planta quadrangular, entendida como provável mausoléu¹⁰. Uma via de análise que articula o carácter cristão da inscrição, a simbologia do *crismon* associado, e a relação dos sepulcros com o lugar de deposição de um mártir. Tal conexão não chegou a ser observada pelos escavadores que, há já muitas décadas, exploraram o sítio e o incluíram no rol das «estações romano-visigóticas» de Elvas¹¹. Face à escassez de registos conhecidos, há muitas interrogações por responder, a par de leituras divergentes suscitadas pela natureza das composições funerárias identificadas. Tome-se como exemplo a reutilização dos sepulcros, materializada sobretudo na acumulação de crânios¹². Que significado poderá ser atribuído a este tipo de evidência? Segundo alguns autores, decorre da implementação do modelo de enterramento *ad sanctos* e da necessidade de assegurar proximidade física relativamente ao local onde o mártir foi inumado (mesmo que tal implicasse comprometer a inviolabilidade dos sepulcros). Com efeito, julgava-se que uma estrutura bem posicionada seria especialmente apetecível, sobretudo em razão dos «benefícios» e protecção sagrada que poderia garantir aos defuntos¹³. Porém, e de acordo com outras interpretações, não é de excluir que a reutilização tumular possa ser explicada em função do desejo de reunir na mesma câmara indivíduos unidos por vínculos afectivos ou familiares¹⁴.

A prática dos enterramentos múltiplos repete-se noutros sítios, como na necrópole de **Silveirona**, onde a um primeiro conjunto sepulcral de época romana sucedeu, a escassas centenas de metros, um segundo, com cronologia centrada nos séculos V e VI¹⁵. Aliás, importa chamar a atenção para tal fenómeno, reiteradamente reproduzido por todo o território peninsular: a emergência de necrópoles tardias em locais onde, previamente, se assentaram enterramentos romanos, no que configura a persistência da utilização de determinados lugares como áreas funerárias¹⁶.

⁹ VIANA, 1950: 301-304; fig. 19.

¹⁰ CARNEIRO, 2011: 177; 188.

¹¹ DEUS *et al.*, 1955: 571.

¹² VIANA, 1950: 300-301.

¹³ BARROCA, 1987: 22-23.

¹⁴ Veja-se o exemplo corporizado por um dos enterramentos simultâneos da necrópole de Alter do Chão, onde figuravam os restos osteológicos de uma criança sobre os de um adulto do sexo masculino, que a enlaçava com o braço (cf. António & Reis, 2008: 338).

¹⁵ CUNHA, 2008: 100-101.

¹⁶ AREZES, 2015: 207.

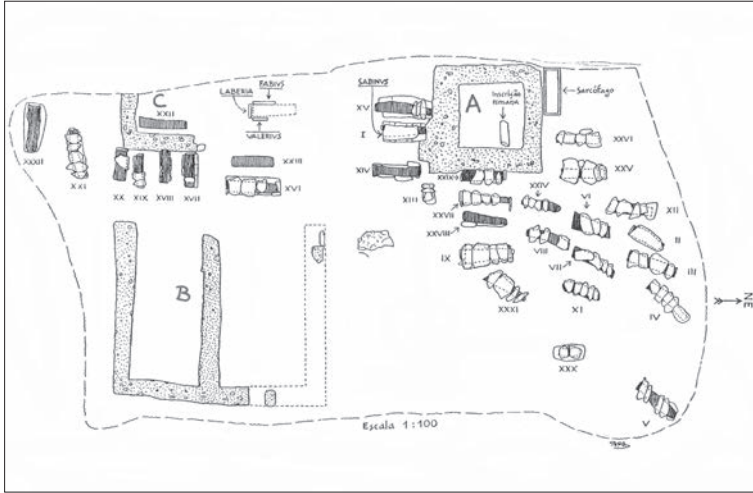


Fig. 1. Planta da necrópole tardia de Silveirona, desenhada por Francisco Valença, no quadro das escavações conduzidas em 1934 por Manuel Heleno. Conservada no Arquivo Manuel Heleno (M.N.A., Lisboa) e publicada por Mélanie Wolfram (CUNHA, 2008: 164).

Mas os pontos de contacto com a necrópole da Terrugem não se restringem às reutilizações sepulcrais. Se atentarmos na planta da autoria de Francisco Valença (Fig. 1) constata-se que também em Silveirona parece verificar-se uma tendência de aproximação dos sepulcros a estruturas pétreas pré-existentes, de cariz aparentemente polarizador: a C, e com maior expressão, a A, que Mélanie Wolfram interpretou como provável mausoléu¹⁷. Em paralelo, e ainda que alguns dos sepulcros se apresentem orientados sensivelmente em conformidade com o mesmo eixo, outros parecem não conceder excessiva relevância ao alinhamento.

Constituirá esta evidência uma realidade inesperada? Não necessariamente. Por um lado, a falta de espaço útil, a par de condicionantes naturais do terreno (declives, afloramentos rochosos) podem determinar ajustamentos na orientação ou até na arquitectura das estruturas; por outro, não havia ainda uma norma exclusiva a respeitar. Na verdade, seria preciso esperar algum tempo até que começasse a impor-se a noção de «orientação canónica». Mas nem mesmo a implementação formal de disposições a cumprir obstou a que outros factores pudessem sobrepor-se e relegar para segundo plano regras instituídas, como a de colocar a cabeça do defunto voltada para Oriente. No fundo, porém, tal opção não configurou propriamente uma novidade, antes a materialização de uma tendência já sentida no Baixo Império, ainda que dotada de uma outra simbologia¹⁸. Em paralelo, basta efectivamente evocar os sepulcros dos mártires e a densidade de túmulos que tende a implantar-se em seu redor, mesmo que obedecendo a distintas orientações, para

¹⁷ CUNHA, 2008: 81-82; 104.

¹⁸ YOUNG, 1977: 16.

perceber que para os crentes se poderia afigurar muitíssimo mais importante ser inumado nas proximidades do «santo»¹⁹, ao invés de devidamente alinhado, mas num ponto fisicamente mais afastado.

Estaremos perante uma situação análoga em Silveirona? Haverá que considerar uma estratégia de enterramento enquadrada no modelo *ad sanctos*? A planta de Francisco Valença²⁰ corrobora a hipótese, mas não de modo pleno. Neste sentido, e sem dados estratigráficos que permitam estabelecer relações concretas de anterioridade/posterioridade entre «grupos» de túmulos, há que ponderar a hipótese de pequenos intervalos de tempo, talvez geracionais, poderem explicar algumas das peculiaridades da organização revelada pelas sepulturas²¹.

De qualquer modo, é notória a existência de uma dinâmica de entrosamento neste sítio, que se faz também à custa de outros reaproveitamentos e reutilizações. Neste quadro, há que fazer referência às epígrafes. Veja-se o exemplo proporcionado pela lápide com dupla inscrição dedicada a *Veranianus* e *Savinianus*, onde são observáveis dois *crismon*. Trata-se de uma simples placa marmórea, alisada na superfície epigrafada, e convertida em tampa de sepultura, cabendo-lhe ser depositada na horizontal. E, convém registar, este tipo de posicionamento (apanágio das epígrafes funerárias dos séculos V e VI) não se coaduna com o comumente designado «universo pagão romano». Há um novo padrão, que recusa a verticalidade e que é aqui implementado. Por isso é tão interessante que a delimitação lateral do sepulcro recoberto nestes moldes tenha cabido a lápides romanas, feitas para se erguerem em altura e sinalizar o local de enterramento de outros defuntos. Também elas foram dotadas de inscrições, mas produzidas algures entre o século I e III²², acabando por ser reaproveitadas e utilizadas na preparação de um novo contexto.

Consideremos agora os artefactos. Entre os elementos inventariados destacam-se alguns adornos do corpo, sobretudo brincos anelares e anéis. Na sepultura XXI (Fig. 2), trasladada para as reservas do Museu Nacional de Arqueologia, repousa um indivíduo inumado e ataviado precisamente com este tipo de adereço, numa composição considerada característica dos enterramentos femininos. Não quer isto dizer que a vinculação a um género esteja definida para todos os materiais: há dúvidas relativas ao contexto de deposição privilegiado de alguns adornos (caso dos braceletes), assim como de outras categorias de objectos, nomeadamente, os ofensivos²³.

¹⁹ ARIÈS, 1988a: 44-45.

²⁰ CUNHA, 2008: 104.

²¹ AREZES, 2015: 359.

²² CUNHA, 2008: 83; 92.

²³ AREZES, 2015: 186; 477.



Fig. 2.
Sepultura XXI de
Silveirona. Fotografia
captada nas reser-
vas do M.N.A., para
onde foi trasladada,
às ordens de Manuel
Heleno. Na imagem
é possível observar,
de modo parcial, o
indivíduo de sexo
feminino nela inu-
mado, com adereços
ainda *in situ*.

Já para o âmbito dos materiais votivos, destacamos os recipientes cerâmicos de contenção de líquidos. É sabido que as motivações na origem da inclusão de cerâmicas (e de vidros) em contexto funerário constituem terreno de debate. Alguns autores encaram esta prática como uma reminiscência de costumes pagãos, que entroncam na tradição romana de derramar unguentos, bálsamos e perfumes sobre os defuntos ou, em alternativa, de conceder dádivas alimentares aos mortos²⁴. Outros, porém, entendem-na como evidência da implementação de rituais cristãos, atribuindo a estas formas um papel apotropaico ou litúrgico, talvez conotado com a simbologia do sacramento do baptismo²⁵.

Ora, percebendo-se a dicotomia de leituras sugeridas, de que modo olhar Silveirona? Como um lugar onde foi possível combinar elementos correlacionáveis com mundos supostamente pouco articulados? Como os *crismon* presentes na dupla lápide, evocativos da simbologia cristã romana, ou a fivela e elementos de cinturão, que denunciam a prática da inumação vestida, apanágio dos grupos «bárbaros». Eram cristãos, é certo, mas arianos e, por conseguinte, seguidores da *fides gotica*. Teria o costume de enterrar os mortos com as suas vestes coexistido com a utilização do sudário? Esta interrogação poderia replicar-se a propósito de outros locais onde se recolheram elementos de vestuário e alfinetes de sudário: Rossio do Carmo (Mértola), Retorta (Loulé) ou Quinta de Marim (Olhão).

A Quinta de Marim levanta, com efeito, uma série de questões. Imersa no debate que opôs defensores e opositores da sua identificação com a *Statio Sacra* mencionada

²⁴ VIZCAÍNO SÁNCHEZ, 2007: 586.

²⁵ GURT I ESPARRAGUERA & SÁNCHEZ RAMOS 2011: 474.

Fig. 3.
Fíbula discoide
datável do século
VI. Recuperada
por Estácio da
Veiga na sepultura
4 da necrópole de
Quinta de Marim.
Depositada nas
reservas do M.N.A.



na *Cosmographia* atribuída ao «Anónimo de Ravenna», há muito vem captando a atenção de diversos arqueólogos. Coube a Estácio da Veiga a responsabilidade pelas primeiras escavações conduzidas neste sítio²⁶, com necrópole associada. Mas ainda no século XIX também Santos Rocha interviria no local, mais concretamente, no que se julga corresponder a um segundo núcleo funerário, a cerca de cem metros do primeiro, num terreno onde se acumulavam lápides e inscrições²⁷.

Mas concentremo-nos nas indicações sugeridas por alguns dos artefactos recolhidos por Estácio da Veiga. A fivela e a fíbula discoide (Fig. 3), profusamente decorada, remetem-nos, uma vez mais, para a inumação vestida. Todavia, há dois alfinetes entre o acervo e que importa considerar²⁸. Teriam sido utilizados para prender um sudário? O corpo assim inumado é simplesmente amortalhado e colocado no sepulcro, criando um contexto normalmente marcado pelo vazio artefactual, pelo despojamento. A ausência de adornos ou de peças votivas decorre de uma intencionalidade. Mas, talvez em razão de reminiscências de estratégias prévias no sentido da «domesticação da morte», expressão que tomamos de Philippe Ariès²⁹, as sepulturas ditas cristãs surgem por vezes pontuados com um ou outro artefacto. Talvez estejamos perante a materialização das dificuldades daquela que se tornou a «fé oficial» em penetrar num substrato com práticas muito enraizadas. Velhos costumes são, neste sentido, revestidos de novas roupagens, ao mesmo tempo

²⁶ VEIGA 1887: 390.

²⁷ ROCHA, 1895: 193-212; GRAEN, 2007: 281.

²⁸ AREZES, 2015: Est. CXXXV.

²⁹ ARIÈS 1988b: 19.



Fig. 4.
Enterramento feminino em
covacho da necrópole de
Torre Velha 3 (ALVES *et al.*,
2013: 1938-1939).

que se conjugam com traços associados a um culto que se pretende marcado pela sobriedade.

Na esteira das considerações tecidas a respeito do despojamento artefactual, dedicamos algumas palavras aos enterramentos concretizados em simples valas ou covachos, aparente reflexo de uma outra vertente do despojamento. É opinião de González Villascusa que estes sepulcros são os que melhor reflectem a noção de «enterro orgânico», na medida em que proporcionam o contacto imediato com a terra³⁰. Normalmente, ocupam espaço reduzido: apenas o suficiente para receber o corpo. Mas, em casos atípicos, enformam respostas singulares a circunstâncias porventura igualmente singulares. Por razões que não é possível aventar, um indivíduo de sexo feminino foi depositado com as pernas apartadas numa cova em forma de losango na necrópole de Torre Velha 3, em Serpa (Fig. 4). Sítio onde

³⁰ GONZÁLEZ VILLAESCUSA, 2001: 101.



Fig. 5. Enterramento em fossa na necrópole de Torre Velha 3: à esquerda, o nível de deposição de um equídeo; à direita, a mescla de restos osteológicos humanos posicionados a cota inferior (ALVES *et al.*, 2013: 1947-1948).

coexistem, além dos covachos, as mais díspares arquitecturas funerárias, produto de maior ou menor investimento: estruturas preparadas à base de elementos pétreos reaproveitados, de cerâmicas de construção, de *lateres* em combinação com lajes de xisto, granito ou mármore... a par de fossas³¹.

Nas estruturas em negativo de Torre Velha 3 os defuntos apresentam-se em posições variáveis: em decúbito ventral, dorsal ou lateral. Depositados de modo diferenciado, mas em regra, cuidadosamente. Porém, nem sempre. Numa das fossas (Fig. 5) acumulam-se os restos osteológicos pertencentes a vários indivíduos: elementos desarticulados, que aparentam ter sido simplesmente arrojados para o interior da vala, sem tratamento, sem desvelo³². É lícito considerar que cenários como este contrariam as noções de «composição cuidada» invocadas por Edward James?

Desconcertante (ou simplesmente, ininteligível), será talvez o facto de esta mescla de vestígios osteológicos humanos integrar o contexto mais desorganizada da estrutura. A cota superior, separado por um estrato orgânico, jazia um equídeo com o pescoço apoiado sobre uma pedra, que lhe garantia estabilidade e acautelava o eventual resvalar das ossadas. Um contraponto a estabelecer face ao tratamento conferido aos restos humanos, declaradamente menos esmerado e dificilmente justificável em função da ocorrência de fenómenos pós-deposicionais³³.

Torre Velha 3 surge pois, como um local de interrogações. A serem contemporâneas as diversas estruturas e modalidades de enterramento, que leque de circuns-

³¹ ALVES *et al.*, 2013: 1938-1945.

³² ALVES *et al.*, 2013: 1946-1948.

³³ ALVES *et al.*, 2013: 1947-1949.

tâncias determinaria a escolha do local de sepultamento adequado a cada indivíduo? Estaremos perante níveis díspares de estratificação económica ou social, passíveis de condicionar o estatuto do defunto e, conseqüentemente, o esforço colocado na preparação da câmara que o irá albergar na morte? Como pois, interpretar uma estrutura onde o cuidado deposicional foi direccionado para o esqueleto de um equídeo e não para os dos humanos? Presumir-se-ia que estes últimos estariam posicionados no limiar inferior da comunidade. Todavia, um dos parques adereços tardo-antigos da necrópole foi recuperado justamente nesta fossa³⁴. Haverá aqui algum tipo de contradição?

Contextos como o descrito a propósito de Torre Velha 3 são singulares e inusuais. Mas há pontos de contacto com realidades documentadas noutros pontos do território peninsular, na generalidade à margem das “verdadeiras” necrópoles. Na Catalunha, onde vêm sendo estudadas por Roig Buxó, parecem coadunar-se com uma fase em que a funcionalidade primária das estruturas em negativo se perdeu e estas se converteram em espaços de vazadouro³⁵; contudo, não em estruturas de enterramento propriamente ditas. Em que se apoia a explicação avançada? No facto de os restos humanos surgirem a par de ossadas de animais domésticos, também elas arrojadas, juntamente com outros detritos. O resultado? Esqueletos pertencentes a homens, mulheres, adultos e crianças, identificados em posições peculiares, numa amálgama indiferenciada passível de incluir igualmente restos de ovelhas, bovinos ou cães. Que indivíduos seriam estes? De acordo com o mesmo autor, estariam nas margens da sociedade: seriam proscritos, ou eventuais servos ou escravos, afectos ao trabalho em propriedades rurais. O tratamento conferido a estes indivíduos, cuja existência é mencionada em epígrafes e em algumas fontes escritas, é sintomático da vigência de uma noção precisa: a de que não pertenceriam à comunidade. Neste sentido, não só não lhes era concedido o direito a serem inumados de forma idêntica à dos seus membros como, em paralelo, lhes estaria vedado o acesso aos espaços sepulcrais «tradicionais»³⁶. Através deste último exemplo confirma-se de modo inequívoco que as práticas funerárias implementadas no intervalo em análise estão longe de se assumir como uniformes ou de poder ser inscritas num padrão claro, assertivo e destituído de ambigüidades.

³⁴ ALVES *et al.*, 2013: 1955.

³⁵ ROIG BUXÓ, 2013: 155.

³⁶ ROIG BUXÓ, 2013: 156.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma: o tempo sobre o qual nos debruçamos oferece um panorama pouco regular, feito de recorrências mas também de heterogeneidades. Apercebemo-nos da fluidez de algumas fronteiras e da interpenetração entre mundos supostamente apartados. Fluida e difusa é a própria etnicidade, que se firma na noção de pertença e se reveste de contornos mais ou menos vincados em função da pressão emanada pelo contexto. Surge-nos materializada nos adereços da indumentária, que evocam as tradições de inumar de grupos minoritários, como os visigodos. Mas a diferenciação e a necessidade de sublinhar a identidade correlacionada com essa diferença parece esfumar-se com o avanço da cronologia, especialmente a partir do século VII. Por essa altura, já o território peninsular tinha sofrido uma série de transformações: de cariz militar, político e também religioso. E a questão do culto, do credo oficial, é sem dúvida importante: enquanto, num certo patamar, se entrelaça com a política e o poder, no terreno, entre a população (feita de hispano-romanos, de «bárbaros» migrantes, de crentes e não crentes), os costumes variam, pelo que variam também as formalizações dos contextos. Face ao exposto, compreende-se o porquê de as interpretações unívocas se revelarem tão pouco operativas e o porquê de continuarem a ser tão amplos os campos a requerer investigação aprofundada.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, C.; COSTEIRA, C.; ESTRELA, S.; SERRA, M.; PORFÍRIO, E. (2013) - *Necrópole tardo-antiga da Torre Velha 3, Serpa (Baixo-Alentejo, Portugal)*. In *Actas do «VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular»*. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4659872>>. [Consulta realizada em 27/05/2014].
- ANTÓNIO, J. & REIS, M. P. (2008) – *Legados da Antiguidade Tardia na Vila de Alter do Chão: abordagem Antropológica (primeiros resultados)*. «Promontoria Monografica», vol. 10. Faro: Universidade do Algarve, p. 335-351.
- AREZES, Andreia (2015) – *Ocupação «Germânica» na Alta Idade Média em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII*. Porto: FLUP. Tese de Doutoramento.
- ARIÈS, Philippe (1988a) – *O homem perante a morte*, vol. 1. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- (1988b) – *Sobre a História da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Editorial Teorema.
- BARROCA, Mário Jorge (1987) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Século V a XV)*. Porto: FLUP. Trabalho apresentado no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- CARNEIRO, André (2011) – *Povoamento rural no Alto Alentejo em Época Romana. Lugares, tempos e pessoas. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Évora: Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora. Tese de Doutoramento.

- CUNHA, Mélanie (2008) – *As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz). Do mundo funerário à Antiguidade Tardia*. «O Arqueólogo Português», Suplemento 4. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- DEUS, A. Dias; LOURO, H. da Silva; VIANA, Abel (1955) – *Apontamento de estações romanas e visigóticas da região de Elvas*. Separata de «III Congreso Arqueológico Nacional». Zaragoza: Sección de Arqueología de la Institución Fernando el Católico y Secretaría General de los Congresos Nacionales, p. 568-578.
- GOMES, S.; BAPTISTA, L.; RODRIGUES, Z. (2013) – *Tradições de inumação durante a Idade do Bronze em Torre Velha 12 (Salvador, Serpa)*. In *Actas do «VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular»*. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4658277>>. [Consulta realizada em 23/09/2016].
- GURT I ESPARRAGUERA, Josep M. & SÁNCHEZ RAMOS, Isabel (2011) – *Topografía funeraria de las ciudades hispanas en los siglos IV-VII*. «Madrider Mitteilungen», vol. 52. Madrid: Deutsches Archäologisches Institut, p. 457-513.
- GONZÁLEZ VILLAESCUSA, R. (2001) – *El mundo funerario romano en el País Valenciano. Monumentos funerarios y sepulturas entre los siglos I a. de C. – VII d.C.* Madrid – Alicante: Casa de Velázquez – Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil-Albert».
- GRAEN, Dennis (2007) – *O sítio da Quinta de Marim (Olhão) na época tardo-romana e o problema da localização da Statio Sacra*. «Revista Portuguesa de Arqueologia», vol. 10, n.º 1. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural, p. 275-288.
- JAMES, Edward (1989) – *Burial and Status in the Early Medieval West*. «Transactions of the Royal Historical Society», Fifth Series, vol. 39. London: Royal Historical Society, p. 23-40.
- LOPES, Virgílio (2014) – *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV a VIII)*. Huelva: Departamento de Historia da Universidade de Huelva. Tesis Doctoral.
- ROCHA, António dos Santos (1895) – *Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve*. «O Archeologo Português», Série I, vol. 1, n.º 8. Lisboa: Museu Ethnographico Português, p. 193-212.
- ROIG BUXÓ, Jordi (2013) – *Silos, poblados e iglesias: almacenaje y rentas en época visigoda y altomedieval en Cataluña (siglos VI al XI)*. In VIGIL-ESCALERA, A.; BIANCHI, G.; QUIRÓS, J. A., coord. – «Horrea, barns and silos. Storage and incomes in Early Medieval Europe». Gipuzkoa: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, p. 145-170.
- VIANA, Abel (1950) – *Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XII, fasc. 3-4. Porto: Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, p. 288-322.
- VIZCAÍNO SÁNCHEZ, Jaime (2007) – *Introducción. El estudio del mundo funerario tardoantiguo en el área Hispana: ¿Bizantinos, Visigodos o Hispanorromanos?* «Antigüedad y Cristianismo: Monografías Históricas sobre la Antigüedad Tardía», XXIV. Murcia: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Murcia, p. 535-596.
- YOUNG, Bailey (1977) – *Paganisme, christianisation et rites funéraires mérovingiens*. «Archéologie Médiévale», tome VII. Centre de Recherches Archéologiques Médiévales, p. 5-81.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Mélanie Wolfram a autorização para reproduzir no presente texto a planta de Silveirona. Agradeço, de igual modo, à equipa responsável pela intervenção arqueológica em Torre Velha 3, a autorização para reproduzir as imagens captadas no âmbito da escavação do sítio e, em especial, ao Miguel Serra, pelo envio dos ficheiros originais.